

A desagregação da personagem e o
espaço narrativo em *Entre rinhas*
de cachorros e porcos abatidos e *O*
trabalho sujo dos outros, de Ana
Paula Maia

Resumo

Recente produção literária brasileira tem se caracterizado pela abordagem do tema da violência urbana, traduzida a partir da articulação de perspectivas sócio-históricas, que se manifestam em produções de cunho estetizante. Parte da crítica especializada tem considerado essa tendência mera espetacularização do tema, enquanto outra a vê como representação de aspectos de uma realidade, que objetiva proclamar o desalento diante da situação do país. Ao problematizar esses posicionamentos, o artigo analisa as narrativas *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* e *O trabalho sujo dos outros*, de Ana Paula Maia e reflete sobre violência, identidade e formação da sociedade brasileira. Para tanto, o texto dialoga com diferentes áreas, em uma perspectiva interdisciplinar, sublinhando a necessidade de aproximação de campos distintos, ou da eliminação de suas fronteiras, quando há a intenção de compreender fenômenos socioculturais e estéticos. Ao lançar um olhar sobre a

⁴³ Estudante do Curso de Letras - Português e Inglês da Universidade Feevale. Bolsista de Iniciação Científica com foco em Literatura Brasileira Contemporânea.

⁴⁴ Doutora em Letras (PUCRS), Mestre em Ciências da Comunicação (UNISINOS) e Licenciada em Letras Português/Alemão (UNISINOS). Coordenadora do PPG em Processos e Manifestações Culturais, pesquisadora e Professora também no Mestrado Profissional em Letras e no Curso de Letras da Universidade Feevale.

violência no Brasil contemporâneo, tal produção literária coloca em xeque representações de identidade e questiona o processo histórico vinculado a esse contexto, exercendo, pois, o papel de arte enquanto questionamento da sociedade.

Palavras-chave

Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos. O trabalho sujo dos outros. Ana Paula Maia.

Violência. Literatura brasileira contemporânea.

1 Introdução: meu Brasil brasileiro

*“E é a guerra das desigualdades
A humanidade lavando a roupa
Oportunidade não cruza o Rebouças
É muito louca a vida por aqui”*
Ronaldo Barcellos, Luiz Cláudio Picolé

Praticamente em todos registros referentes à chegada de estrangeiros ao Brasil e ao início da colonização, nosso país é descrito a partir de registros extremamente parciais por parte do invasor, que descreve os nativos como libertinos e improdutos. Isso ocorre em virtude de uma visão autocentrada e eurocêntrica — que prevalece, em muitos casos, até os dias de hoje, quando o Outro é incompreendido e subestimado. Como afirma Silviano Santiago (1906, p. 55), “cada grupo pensa que os seus próprios costumes [*folkways*, no original] são os únicos bons, e se observa que outros grupos têm outros costumes, estes provocam o seu desdém”.

Um dos problemas acerca do registro dos olhares sobre o país se deve ao fato de que praticamente não há registros do ponto de vista do morador nativo destas terras, o indígena, grupo social que, hodiernamente, vem sofrendo profundo ataques. A cultura dos donos originais das terras brasílicas é de base oral, o que impediu o registro escrito de sua parte. Além disso, houve a dizimação de milhares de tribos, seja por doenças seja por embates bélicos, em que o detentor da pólvora teve vantagem sobre o outro. Muitos grupos culturais, portanto, desapareceram, juntamente com todo o arcabouço histórico-cultural que detinham. O indígena foi considerado, por muito tempo, ao lado do negro escravizado, um povo de segunda classe. Ao longo da história, pois, construiu-se a ideia da supremacia dos povos europeus — em regiões de imigração, muitos descendentes ainda se entendem como europeus em oposição ao “brasileiro”, questão identitária que só prejudica o país.

Tudo isso se deve à violência com que o Brasil foi erigido como nação, com base na exploração do outro, em especial pela escravidão, inicialmente dos indígenas e, depois, do negro africano, vendido como objeto — “Oh trato desumano, em que a mercancia são homens! Oh mercancia diabólica [...]” (VIEIRA, 2006, p. 57).

Com explica Lilia Schwarcz (2019, p. 190),

Escravizados podiam ser comprados, vendidos, leiloados, penhorados, seviciados. O corpo feminino, por sua vez, mais escasso nas sociedades afro-atlântidas, entrava logo na lógica interna desse “comércio de almas”. Mulheres indígenas e negras, além de serem consideradas produtoras de riqueza — eram utilizadas na

agricultura, na casa-grande, nas cidades, na mineração —, serviam a seus proprietários como instrumento de prazer e gozo. A violência do sistema como um todo encontrava um lócus especial na sexualidade exercida pelos senhores na intimidade da alcova escravista.

Violência que marcou indelevelmente a sociedade brasileira de base patriarcal e que se perpetua até hoje. Assistimos diariamente à falência da justiça social, quando os mais pobres, em especial homens negros, são as maiores vítimas da violência, muitas vezes, sumariamente julgados e executados na abordagem policial, sem direito à defesa, posto que, não raro, são inocentes. “Herdamos um contencioso pesado e estamos tendendo a perpetuá-lo no momento presente; as pesquisas mostram a discriminação estrutural vigente no país, a qual abarca [...] as áreas da educação, da saúde, chegando aos registros de moradia, transporte, nascimento e morte” (SCHWARCZ, 2019, p. 40). O Brasil é, pois, um país fundado em bases equivocadas — da barbárie, do genocídio e do racismo.

Considerando essa realidade, a literatura contemporânea vem dando ênfase ao debate do tema. Centra-se, especialmente, na realidade violenta da vida dos menos favorecidos, por meio de detalhadas situações cruéis e comuns do cotidiano social, denunciando, dessa forma, as condições em que as pessoas se encontram. Karl Erik Schollhammer (2009, p. 13) afirma que

[...] o desafio contemporâneo consiste em dar respostas a um anacronismo ainda tributário de esperanças que chegam tanto do passado perdido quanto do futuro utópico. Agir conforme essa condição demanda um questionamento da consciência histórica radicalmente diferente do que se apresentava para as gerações passadas. [...] O passado apenas se presentifica enquanto perdido, oferecendo como testemunho seus índices desconexos, matéria-prima de uma pulsão arquivista de recolhê-lo e reconstruí-lo literariamente. Enquanto isso, o futuro só adquire sentido por intermédio de uma ação intempestiva capaz de lidar com a ausência de promessas redentoras ou libertadoras.

Podemos afirmar que obras da literatura distópica contemporânea põem a nu a história violenta e seus reflexos na atualidade, os quais se perpetuam na desigualdade social e na falta de acesso aos bens culturais, à saúde e à educação, condenando os menos favorecidos à vida em um universo cujo futuro está longe de ser redentor ou libertador. E é nesse sentido que a arte, em especial a literatura, podem contribuir para remover as vendas que ainda nos impedem de enxergar nossa realidade.

Diante disso, este artigo tem como objetivo refletir sobre o tema a partir da análise das narrativas *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* e *O trabalho sujo dos outros*, da escritora Ana Paula Maia. Vamos, pois, aos textos.

2 Entre rinhas, abates e trabalho sujo

Mulher, negra, jovem, Ana Paula Maia por si só já quebra paradigmas e estereótipos de escritores brasileiros, já que no cenário canônico prevalecem escritores brancos, como mostra pesquisa de Regina Dalcastagnè (2005, p. 31): “Mais gritante ainda é a homogeneidade racial. São brancos 93,9% dos autores e autoras estudados (3,6% não tiveram a cor identificada e os ‘não brancos’, como categoria coletiva, ficaram em meros 2,4%)”.

Essa quebra do padrão social se reafirma na sua escrita agressiva, crítica e, por vezes, irônica. Considerando que “o contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 9), Ana Paula Maia⁴⁵ é legitimamente contemporânea, já que vê o obscuro da realidade e engendra críticas à sociedade por meio de narrativas chocantes — podemos dizer, equivalente ao estilo de Quentin Tarantino no cinema.

A escritora retrata a história de habitantes da margem da sociedade, profissionais de áreas ignoradas pela população mais abastada da sociedade. Segundo ela: “[...] homens bestas, que trabalham duro, sobrevivem com muito pouco, esperam o mínimo da vida e, em silêncio, carregam os seus fardos e o dos outros” (MAIA, 2009, p. 3). Além disso, destaca-se a presença predominante de personagens masculinas em suas obras, pois personagens femininas são raras e, quando as há, são coadjuvantes de pouca relevância na economia narrativa. Também merece destaque o fato de que as personagens habitam espaços degradantes e degradados e desempenham atividades relacionadas à morte e aos restos da sociedade, ao indesejado. A sociedade é, pois, comumente retratada em seus romances, como *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos e de gados e homens* e *O trabalho sujo dos*

⁴⁵ Ana Paula Maia é autora de *O habitante das falhas subterrâneas* (2003), *A guerra dos bastardos* (2007), *O trabalho sujo dos outros* (2009), *Carvão animal* (2011), *Assim na Terra como embaixo da Terra* (2017), *Enterre seus mortos* (2019), entre outros. Recebeu, em 2018, o Prêmio São Paulo de Literatura: Melhor Romance do Ano, pelo romance *Assim na Terra como embaixo da Terra*, e em 2019, o Prêmio São Paulo de Literatura: Melhor Romance do Ano, por *Enterre Seus Mortos*. Suas obras foram traduzidas para o espanhol, alemão, francês, italiano e sérvio.

outros, como animalizada, marginal e bruta, que se regozija diante de tragédias e se diverte com mortes e rinhas de cachorros, em ambientes em que o sangue jorra solto.

Outro elemento comum nas narrativas de Ana Paula Maia é a vulgarização da morte, tendo por exemplo o episódio em que a personagem Gerson, de *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* e *de gados e homens*, retira, com as próprias mãos e um canivete do Flamengo, o rim que havia doado para a irmã e a deixa retalhada na banheira da própria casa. Esse é um dos aspectos pelos quais a escrita de Ana Paula Maia é considerada desconfortante, já que “o único divertimento [das personagens] está transformado em rito-de-morte no qual o dilaceramento dos animais acaba se metaforizando como uma triste paródia da própria mundanidade subalterna e nadificada” (BARBERENA, 2016, p.1).

Dando sequência à habitual quebra de padrões, Ana Paula Maia se inseriu no meio literário através da publicação do primeiro folhetim *pulp*⁴⁶ brasileiro *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, que, depois da grande repercussão online, foi publicado por uma grande editora. Fato pouco comum no meio, já que, como destaca Schollhammer (2009, p. 14), “[...] a publicação de romances *online* continua sendo um fenômeno minoritário e marginal”.

Relatar o cotidiano social a partir do ponto de vista marginal tem sido a escolha de vários escritores contemporâneos, uma vez que a principal característica destes é a exposição da violência e das condições desumanas da vida dos menos favorecidos. Desse modo, trazem à tona, pela ficcionalidade, a desigualdade social e a organização político-ideológica da sociedade. Acerca disso, Schollhammer (2007, p. 29) afirma que

Quando estabelecemos uma relação entre a violência e as manifestações culturais e artísticas, é para sugerir que a representação da violência manifesta uma tentativa viva na cultura brasileira de interpretar a realidade contemporânea e de se apropriar dela, artisticamente, de maneira mais “real”, com o intuito de intervir nos processos culturais.

Nesse sentido, a literatura de Maia tem um enfoque social, por meio do qual expõe a vivência em condições miseráveis, possibilitando a percepção da atuação desses indivíduos menos favorecidos, em uma condição de vida violenta e marginal que resulta em mais violência: “uma série de narradores que decidiam assumir um franco compromisso com

⁴⁶ Referência aos folhetins trazidos ao Brasil no século XIX, que eram publicados em revistas impressas em papel barato, fabricado a partir da polpa de celulose (*pulp*). São histórias divididas em capítulos, publicadas com certa periodicidade.

a realidade social, tendo, como foco preferencial, as consequências inumanas da miséria humana, do crime e da violência” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 22). Daí, o choque instaurado pela narrativa crua segundo uma poética da violência sem eufemismos.

Narrativas desse tipo caracterizam-se por enfocarem não mais o centro, mas o (ex)cêntrico, mirando o que está para além dos centro da urbe e dos dilemas das elites, adotando o ponto de vista do Outro, aquele das grandes massas, das classes sociais mais baixas, dos miseráveis, dos que, de fato, vivenciam cruamente a violência e se veem constantemente em condições abjetas. De acordo com Lícia Soares de Souza, esse outro textualizado configura-se “como local textual da manifestação das pulsões e tensões sociais” (2013, p. 55), pois rompe com o horizonte de expectativas do leitor ao apresentar-lhe um universo conhecido apenas “de fora” e não a partir de um olhar “de dentro”. Essa visão (ex)cêntrica permite, portanto, ao leitor, vivenciar, com o drama das personagens, episódios violentos próprios desses espaços sociais e, assim, perceber que a trajetória desses sujeitos se encontra comprometida, uma vez que, sem opções redentoras, vê-se obrigado a dar sequência à violência vivenciada, não por seu desejo, mas, paradoxalmente, por sobrevivência.

Sendo assim, podemos dizer que esse tipo de literatura se encaixa no que “[...] Alfredo Bosi (1975) batizou de *brutalismo* [...] pelas descrições e recriações da violência social entre bandidos, prostitutas, policiais, corruptos e mendigos. Seu universo preferencial era o da realidade marginal [...]” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 27).

O livro é dividido em duas novelas: a primeira dá título à obra *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, e a segunda intitula-se *O trabalho sujo dos outros*. Em ambas abundam descrições abjetas e apresentam personagens brutos e singulares. A primeira narrativa acontece em um abatedouro de porcos, tendo como foco a vida, o trabalho e o *hobbie* dos amigos suburbanos Edgar Wilson e Gerson, que mais do que executar seu trabalho, divertem-se com ele, além de seu tempo livre ser gasto com apostas em rinhas de cachorros.

Assim, a obra aborda a desigualdade reinante na sociedade brasileira, decorrente de uma nação erigida pela violência, que, no entanto, é negada e, preferencialmente, invisibilizada. Marilena Chauí (2013, p. 230) afirma, nesse sentido, que:

a desigualdade na distribuição de renda [...] não é percebida como forma dissimulada de apartheid social ou como socialmente inaceitável, mas é considerada natural e normal [...]. A sociedade brasileira está polarizada entre a carência absoluta das camadas populares e o privilégio absoluto das camadas dominantes e dirigentes, sem que isso seja percebido como violência.

Violência social, que condena parcela da população a um processo de desumanização, evidenciado já na capa do livro, onde podemos ver representações anatômicas de um ser humano, um cachorro e um porco se fundindo a ponto de compor uma coisa só. Ser humano, cachorro e porco são colocados no mesmo nível de degradação, revelando uma sociedade que coisifica o homem, sacrifica-o, por ser considerado insignificante e dispensável.

Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos (2009) aborda subúrbios, lixões e outros lugares violentos, espaços socialmente degradados. A história é narrada em terceira pessoa, com um narrador crítico que analisa e expõe os sentimentos e pensamentos das personagens, mas que é, frequentemente, entrecortado pelas falas das próprias personagens. Personagens, essas, em sua maioria homens embrutecidos, violentos e que se veem obrigados a lidar com alguma severa doença adquirida em virtude de seus subempregos. Homens abjetos que vivem em um exílio social. A opção por dar-lhes a palavra visa a retratá-los em sua ação e expressão, conferindo dramaticidade e verossimilhança à narrativa.

Assim, os diálogos entre as personagens permitem a expressão pessoal e íntima destas, estabelecendo um efeito de proximidade entre as personagens e o leitor, que sofre o impacto dessa opção narrativa, a qual incide sobre a construção dos sentidos da obra. Os diálogos expõem a perda da identidade pela desumanização vivida pelas personagens, revelando o turbulento contexto sócio-histórico a que estão aprisionados.

Na vida das personagens, a violência é bastante presente, tanto que Edgar mata pessoas com a mesma naturalidade com que mata porcos, o que é apresentado de tal modo que a brutalidade se torna extremamente trivial até para o leitor. Outro aspecto que merece destaque é que todas as personagens, ainda que isso seja representado de modo singular, estão passando por crises de identidade social, cultural e sexual, o que é explicitado no episódio em que Pedro mantém relações com um porco abatido. As crises pessoais são, também, manifestadas através do *hobbie* das personagens que se divertem com rinhas de cachorro, indo ao encontro, dessa forma, da violência do meio no qual estão forçosa e constantemente inseridos. Como exemplo, podemos citar o momento em que Edgar Wilson assassina um

colega de trabalho por tê-lo ouvido falar o nome de sua namorada enquanto mantém relações com um porco. A partir disso, Edgar Wilson julga ter sido traído por ela também, o que pode representar uma crise da personagem, indicando sua insegurança.

O espaço narrativo claramente interfere de maneira profunda na (não)identidade das personagens, que não só estão acostumadas, mas buscam a violência no seu meio.

Quanto ao ambiente do frigorífico, torna-se bastante explícita a simbologia do porco enquanto animal que vive na sujeira e nunca olha para cima. E é justamente na construção dessa alteridade animal que surge um terrível paralelismo identitário. Afinal, como os porcos, os dois personagens vivem no lixo e numa área onde as táticas de amnésia social são presentificadas através do não reconhecimento dos valores daqueles que transitam na periferia.” (BARBERENA, 2016, p.3)

O porco, abatido para servir de alimento, serve, igualmente, de objeto sexual após o abate, fato relacionado, de um lado, à necrofilia e, de outro, à zoofilia. Sobre isso, Veloso (2019, s.d.) explica que:

A zoofilia conhecida também como bestialidade é considerada uma desordem comportamental humana, tratando-se da prática sexual entre uma pessoa e um animal, o qual pode ter sido ou não adestrado para fins de sexuais tais como excitação, masturbação, penetração ou contato oral-genital. A zoofilia é um transtorno sexual e não uma simples perversão.

Nesse sentido, as personagens apresentam uma perversão ao se relacionarem sexualmente com os porcos, o que se agrava pelo fato de os animais estarem mortos, indefesos. Essa ação narrativa que causa estranheza no leitor é, contudo, bastante comum no Brasil, como afirma Veloso (2019, s.p.):

anualmente são violentados sexualmente milhares de animais por ano no Brasil, tendo como maiores vítimas os animais domésticos, estes são abusados sexualmente a ponto de perderem as suas vidas. Esta crueldade acontece dentro de casa, nas ruas, em sítios, fazendas, bordéis de animais e outros inúmeros ambientes de entretenimento para satisfazer a lascívia humanas.

Nessa perspectiva, a narrativa, embora ficcional, resgata a lascívia humana, que, silenciosamente e às escondidas, permeia a vida de muitos brasileiros. Mostra, dessa forma, que as personagens ultrapassam a linha ética que separa humanos e animais, o que é, em geral, interdito na maioria das culturas. E o fato de se tratar de um porco é ainda mais comprometedor, tendo em vista que esse animal, que chafurda na lama e tudo devora, é

considerado impuro em muitas culturas, sendo sua carne proibida para o consumo, por exemplo, pelos judeus e pelos adeptos do Islã.

Além disso, o porco é considerado símbolo das tendências obscuras em todas as suas formas, como a gula, a luxúria a ignorância e o egoísmo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998), de modo que a relação como esse animal revela a condição subumana das personagens, que se igualam a ele em sua impureza, deixando vir à tona suas tendências obscuras e violentas. Ocorre, pois, a animalização das personagens.

Na segunda narrativa, *O trabalho sujo dos outros*, também predomina o foco e a descrição detalhada dos elementos abjetos da vida das personagens — Erasmo Wagner, coletor de lixo; seu irmão caçula Alandelon, que quebra asfaltos, e Edivardes, primo dos dois, que sobrevive desentupindo esgotos. Peculiares personagens que vivem do lixo, no esgoto e quebrando asfalto, ou seja, exercem atividades na camada mais baixa da escala social — entre restos, detritos, sujeira. A influência do espaço na (não)identidade das personagens é tão evidente quanto na narrativa anterior, o que se revela na descrição do narrador sobre a vida de Erasmo Wagner:

No tanto que se transforma em lixo. Mas tudo vira lixo, inclusive ele é um lixo para muitas pessoas, até para os ratos e urubus que insistem em atacá-lo. Mas não liga, esses agem por instinto. Sentem seu cheiro de podre e avançam. Os outros, seus semelhantes, não avançam, eles recuam para longe. Como fazem com os detritos que jogam para fora de casa, os restos contaminados. O seu cheiro afasta as pessoas para bem longe. Sua vida não é um lixo. Sua vida é muito lixo. (MAIA, 2009, p.92).

Outro aspecto digno de ressalva é a denúncia da alteridade reinante entre os indivíduos, como se pode perceber no seguinte trecho: “Não pensa nos miseráveis dos aterros sanitários que também poderiam lucrar com o que há de melhor no lixo. Ele realmente não se importa. Assim como quem está acima dele não se importa também” (MAIA, 2009, p. 92). Evidencia-se, então, que a posição de Erasmo Wagner frente a pessoas mais necessitadas do que ele próprio é a de indiferença, da mesma forma indiferente com que as classes mais altas se posicionam frente a ele e sua condição de vida. Evidencia-se, assim, a negação do Outro, que não é reconhecido como sujeito, o que estabelece a (não)identidade, na medida em que esta se engendra pela diferença entre um e Outro (WOODWARD, 2011). Portanto, mediante a negação do Outro — pobre, abjeto e dispensável —, não há identidade possível, apenas invisibilidade.

A desigualdade e a invisibilidade das camadas inferiores da sociedade se agravam em virtude de o sistema não oferecer a essa população ferramentas que possibilitem a mobilidade social. Dessa forma, esses indivíduos, além de não terem acesso aos bens culturais, não têm, muitas vezes, pré-condições para compreendê-los:

como o acesso ao conhecimento útil exige toda uma ‘economia social’ peculiar para que o indivíduo possa efetivamente ‘in-corporar’ – literalmente tornar ‘corpo’ e automática uma série de pressupostos emocionais e morais que precisam ser antes aprendidos – conhecimento, a separação pela fronteira entre sucesso e fracasso social vai tender a ser demarcada pela fronteira entre aquelas classes sociais que têm acesso a essas possibilidades de incorporação efetiva e aquelas que não possuem as chances efetivas dessa mesma incorporação. (SOUZA, 2011, p. 120).

Esse ordenamento social do país é fundante, paralelamente ao silenciamento tão bem articulado e facilmente constatado dentro do sistema. Como afirma Ginzburg (2017, p. 202) “a civilização ocidental procurou, de modo ambivalente, enquanto sustentava e incentivava práticas da violência, criar condições para o silenciamento a respeito de seus agentes”. Destituído de voz e sem audibilidade, o indivíduo permanece aprisionado à classe social em que se encontra — limiares de difícil rompimento.

Outro aspecto importante em ambas as narrativas é a escolha onomástica, considerando que a ironia é um signo intrínseco na escrita da autora carioca. O nome Erasmo Wagner pode ser relacionado a Erasmo de Roterdão, que, simbolizando o exato oposto da personalidade desta icônica personagem, foi um humanista e filósofo holandês do século XV, famoso por seu amplo conhecimento dos mais diversos assuntos ligados ao conhecimento humano, além de ter sido um dos maiores críticos do dogma católico romano e da imoralidade do clero, enfrentando o pensamento escolástico. Crítico, portanto, da ideia de pobreza e de penitência, defendeu, principalmente, o livre acesso ao conhecimento que liberta, contrariamente à religião, que aprisiona. A metáfora instituída pelo nome Erasmo, a partir das obras do filósofo, principalmente o *Elogio da Loucura*, pode ser interpretada como uma crítica à sociedade, que, assim absurdamente configurada, revela-se em sua loucura.

O nome da personagem, contudo, se completa com outro — Wagner —, que remete ao compositor alemão, que era antissemita e, simultaneamente, um gênio da música. A escolha onomástica e a composição desses dois nomes para a personagem criam um paradoxo: o pensamento filosófico libertador, de um lado, e, do outro, a genialidade musical, eivada de preconceito racial. A contradição ontológica, pois, do homem.

Erasmus Wagner é também um duplo de Edgar Wilson — duplicidade evidenciada pelas letras iniciais —, assim como a personagem de William Wilson, de Edgar Allan Poe, que encontra seu duplo. Edgar Wilson, violento e assassino, traz em si o ódio à humanidade e à sua condição, sentimento que iguala as personagens em sua triste e abjeta vida. O encontro com o duplo é sempre um estranhamento, uma vez que não é natural. Assim, a duplicidade é um problema, na medida em que ela é social, ou seja, há muitos duplos nessa condição na sociedade brasileira, como apontam as narrativas por meio do dialogismo onomástico.

3 Considerações finais

Tendo como base os aspectos apresentados até aqui, entendemos o motivo pelo qual as obras de Ana Paula Maia dividem a crítica literária quanto a seu valor estético e por que são foco de análise tanto em artigos acadêmicos quanto em reportagens de jornais. Sobre a crítica, é oportuno trazer afirmação de Ginzburg:

[...] uma obra é relevante porque corresponde a valores de um grupo social específico. O preço pago por trabalhos de crítica que se assumem como associados a uma causa, como o feminismo ou o movimento negro, é o confronto com os interesses hegemônicos (2017, p. 51).

Nessa perspectiva, ambas as narrativas apontam para o distorcido, o animalizado e o desumanizado, revelando o avesso do que deveria ser uma sociedade igualitária. Mostra, com isso, também, que o acesso ao que preconizam os Direitos Humanos não é uma verdade no Brasil.

Podemos, dessa maneira, medir o impacto e a importância das obras da autora, já que engendram narrativas que ambientam em meios periféricos, suburbanos e abjetos, onde os protagonistas são, precisamente, a classe social comumente inferiorizada e excluída das decisões que orientam a distribuição de renda e de oportunidades e, portanto, os destinos dos brasileiros.

Ana Paula Maia faz parte desse quadro de escritores polêmicos e problematizadores que levantam temas peculiares e violentos de modo incomum,

direcionando o leitor para o interior da trama, de modo a envolvê-lo tão profundamente que os acontecimentos, já bastante obscuros, impactem com ainda mais brutalidade. Oxalá o estranhamento provocado por suas obras sirva para que as oportunidades também cruzem o Rebouças.

Referências

- BARBERENA, Ricardo Araújo. A hipercontemporaneidade em Ana Paula Maia. Porto Alegre: **Letras de hoje**, v. 51, nº 4, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/26163>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- CHAUÍ, Marilena. **Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Autêntica, 2013.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do Romance Brasileiro Contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea** (26) p. 13-71, 2005. Internet. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077> . Acesso em: 5 jul. 2018.
- GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: EDUSP, 2017.
- MAIA, Ana Paula. **Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira**. Quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SOUZA, Lícia Soares de. **O realismo pós-metafísico.** Uma sociedade de exclusão no cinema e na literatura brasileiros. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.

VELOSO, Tayná L. C. *Os animais como sujeitos de direito frente ao transtorno sexual zoofílico.* **Conteúdo jurídico.** 21 out. 2019. Disponível em:
<https://conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/53655/os-animais-como-sujeitos-de-direito-frente-ao-transtorno-sexual-zoofilico>. Acesso em: 02 set. 2020.

VIEIRA, Antônio. Sermão vigésimo sétimo. In: _____. **Sermões.** Problemas sociais e políticos do Brasil. São Paulo: Cultrix, 2006.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, Kathryn. (Org.) **Identidade e diferença.** A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

THE DISSOCIATION OF THE CHARACTER AND THE NARRATIVE SPACE IN *ENTRE RINHAS DE CACHORROS E PORCOS ABATIDOS* AND *O TRABALHO SUJO DOS OUTROS*, BY ANA PAULA MAIA

Abstract

Recent Brazilian literary production has been characterized by the approach to the theme of urban violence, translated from the articulation of socio-historical perspectives, which are manifested in aesthetic productions. Part of the specialized critic has considered this tendency to be a mere spectacularization of the theme, while another sees it as representing aspects of a reality, which aims to proclaim discouragement in the face of the country's situation. When problematizing these positions, the article analyzes the narratives *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* and *O trabalho sujo dos outros*, by Ana Paula Maia and reflects about violence, identity and the formation of Brazilian society. To this purpose, the text dialogues with different areas, in an interdisciplinary perspective, emphasizing the need to approach different domains, or to eliminate their borders, when there is an intention to understand socio-cultural and aesthetic phenomena. When we take a look at violence in contemporary Brazil, such literary production challenges representations of identity and questions the historical process linked to this context, thus exercising the role of art as a questioning of society.

Keywords

Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos. O trabalho sujo dos outros. Ana Paula Maia. Violence. Contemporary Brazilian literature.

Recebido em: 11/04/2019
Aprovado em: 31/08/2020